



**GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ  
CAMPUS DOUTORA JOSEFINA DEMES  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS/  
PORTUGUÊS**



**NATALIA MARIA ALVES GUIMARÃES**

**HUMOR E PRECONCEITO LINGUÍSTICO NAS PÁGINAS DO FACEBOOK E  
INSTAGRAM “PORTUGUÊS DA DEPRESSÃO”**

**FLORIANO-PI**

**2023**

NATÁLIA MARIA ALVES GUIMARÃES

**HUMOR E PRECONCEITO LINGUÍSTICO NAS PÁGINAS DO FACEBOOK E  
INSTAGRAM “PORTUGUÊS DA DEPRESSÃO”**

Relatório da monografia apresentado ao  
Curso de Licenciatura Plena em Letras/  
Português da Universidade Estadual do  
Piauí, como parte do requisito necessário  
para a obtenção do título de Licenciada  
em Letras/ Português.

Orientador: Prof. Dra. Tarcilane  
Fernandes da Silva

FLORIANO-PI

2023

G963h Guimarães, Natalia Maria Alves.

Humor e preconceito linguístico nas páginas do Facebook e Instagram "Português da Depressão" / Natalia Maria Alves Guimarães. - 2023.

40 f.: il.

Monografia (graduação) - Universidade Estadual do Piauí - UESPI, Licenciatura Plena em Letras Português, Campus Dra. Josefina Demes, Floriano-PI, 2023.

"Orientadora: Profa. Dra. Tarcilane Fernandes da Silva".

1. Variação linguística. 2. Mídia. 3. Preconceito linguístico. 4. Humor. I. Silva, Tarcilane Fernandes da . II. Título.

CDD 469.02

**NATÁLIA MARIA ALVES GUIMARÃES**

**HUMOR E PRECONCEITO LINGUÍSTICO NAS PÁGINAS DO FACEBOOK EE  
INSTAGRAM “PORTUGUÊS DA DEPRESSÃO”**

Relatório final de Monografia apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras/ Português da Universidade Estadual do Piauí, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Licenciada em Letras/ Português.

Aprovado em: 17/11/2023

**BANCA EXAMINADORA**

1 – Tarcilane Fernandes da Silva (Presidente da Banca Examinadora)

2 – Prof. Dr. Juscelino Francisco do Nascimento (Primeiro Examinador)

3 – Professora Ma. Camélia Sheila Soares Borges de Araújo (Segundo Examinador)

4 – Natália Maria Alves Guimarães (Aluna)

A Deus, que me guiou em cada passo  
deste caminho, dedico este trabalho.

## **AGRADECIMENTO**

Agradeço a todos os que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho. Primeiramente, a Deus, por me conceder toda a energia, saúde e força para percorrer essa jornada.

À minha professora e orientadora, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Tarcilane Fernandes da Silva, expresso minha profunda gratidão pela inestimável orientação, apoio e incentivo durante todo o processo de elaboração deste TCC. Agradeço sua paciência, suas valiosas sugestões e sua constante disponibilidade para me auxiliar na superação dos desafios encontrados.

Sou grata aos meus colegas de curso pelo companheirismo e pelas palavras de encorajamento. Agradeço à minha família e amigos pelo apoio incondicional durante toda a minha trajetória acadêmica. Aos meus pais, meus maiores parceiros de vida, sou imensamente grato por facilitarem o que estava ao seu alcance para que eu pudesse me dedicar a este trabalho. Acreditam em mim e me incentivam a buscar meus sonhos.

Agradeço também aos meus amigos Felipe, Adjane, Lidiane, Beatriz e Filip, pelo companheirismo e por me proporcionarem momentos de descontração e alegria.

Por fim, agradeço ao Campus Dr.<sup>a</sup> Josefina Demes pela oportunidade de realizar este TCC.

“O novo assusta, o novo subverte as certezas, compromete as estruturas de  
poder e dominação há muitos vigentes.”

Marcos Bagno

## RESUMO

A língua no seu contexto de uso apresenta variações motivadas por fatores como o tempo, a localização geográfica, o perfil social e econômico do falante, dentre outros condicionadores. A presente pesquisa tem como objetivo geral identificar o preconceito linguístico associado ao humor, analisando os comportamentos e manifestações do indivíduo nas páginas “Português da depressão” no instagram e no facebook, frente aos fenômenos de variação. Como objetivos específicos buscamos compreender o conceito de língua e seu processo de variação; Identificar a página do instagram, “Português da depressão” por meio das postagens e dos comentários dos usuários o preconceito linguístico e as concepções de língua; Mostrar a relação entre a mídia e a standardização de preconceitos linguísticos a partir de textos de humor. As análises foram feitas por meio de prints retirados das páginas supracitadas, e se embasaram numa reflexão que associa a mídia e o humor, destacando como essa associação produz preconceito linguístico a partir das publicações realizadas pelas páginas que abordam a diversidade de escrita e de fala de falantes de diversos lugares do país. A proposta da pesquisa é analisar a relação entre a tríade humor, mídia e preconceito linguístico quando se trata de identidade linguística do falante. Para obter embasamento teórico, o trabalho baseou-se em autores da área da sociolinguística como: Willian Labov, Possenti, Scherre, Bortoni, dentre outros. Por meio das análises, foi possível nos certificarmos do poder de influência que a mídia tem, sobretudo quando o foco é apresentar os traços variacionistas da fala e da escrita de indivíduos como algo jocoso, risível. Essa abordagem midiática camufla o preconceito imbuído nessas páginas de humor e sustenta a crença do imaginário social de que existe uma língua única e que, qualquer traço de variação, se configura como erro, algo a ser combatido.

**Palavras-chave:** variação linguística, mídia, preconceito linguístico, humor.



## **ABSTRACT**

The language in its context of use presents variations motivated by factors such as time, geographic location, the social and economic profile of the speaker, among other conditions. The general objective of this research is to identify linguistic prejudice associated with humor, analyzing the individual's behaviors and manifestations on the "Portuguese of depression" pages on Instagram and Facebook, in light of variation phenomena. As specific objectives we seek to understand the concept of language and its variation process; Identify the Instagram page, "Portuguese of depression" through user posts and comments, linguistic prejudice and conceptions of language; Show the relationship between the media and the standardization of linguistic prejudices based on humorous texts. The analyzes were carried out using prints taken from the aforementioned pages, and were based on a reflection that associates the media and humor, highlighting how this association produces linguistic prejudice based on the publications made by the pages that address the diversity of writing and speech of speakers from different parts of the country. The research proposal is to analyze the relationship between the triad of humor, media and linguistic prejudice when it comes to the speaker's linguistic identity. To obtain a theoretical basis, the work was based on authors in the field of sociolinguistics such as: Willian Labov, Possenti, Scherre, Bortoni, among others. Through analysis, it was possible to confirm the power of influence that the media has, especially when the focus is to present the variationist traits of individuals' speech and writing as something joking, laughable. This media approach camouflages the prejudice imbued in these humorous pages and supports the belief in the social imagination that there is a single language and that any trace of variation is seen as an error, something to be fought against.

**Keywords:** Linguistic variation, Media, Linguistic prejudice, Humor.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>A SOCIOLINGÜÍSTICA E SUA IMPORTÂNCIA PARA OS ESTUDOS DA LINGUAGEM.....</b>	<b>13</b>
<b>3</b>	<b>MÍDIA E PRECONCEITO LINGÜÍSTICO.....</b>	<b>17</b>
<b>4</b>	<b>METODOLOGIA .....</b>	<b>23</b>
	<b>4.1 TIPO DE ESTUDO .....</b>	<b>18</b>
<b>5</b>	<b>RESULTADOS                    E                    DISCUSSÕES                    DE DADOS.....</b>	<b>28</b>
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>33</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>35</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A Língua Portuguesa é considerada uma língua viva em razão das mudanças que acontecem no decorrer do tempo. As modificações na língua estão presentes de acordo com as variações linguísticas, essas transformações são identificadas pela linguagem oral e pode ser encontrada também na escrita. Com isso, as diversas formas de linguagem estão associadas aos acontecimentos sociais e históricos da sociedade. Nessa conjuntura, a mídia é um dos meios mais acessados pelo indivíduo e é, muitas vezes, tomada como referência para a prescrição de regras de fala e de escrita. E é nessa esfera midiática que circulam também muitos preconceitos linguísticos.

No decorrer do tempo, observamos que a internet, além de facilitar a comunicação, trouxe transformações na escrita dos internautas, o famoso internetês que se destaca no meio virtual por meio de abreviação de palavras. Atualmente, a mídia digital tornou-se grande aliada dos indivíduos pela facilidade que trouxe ao processo de comunicação. Por meio dela, vemos o surgimento de redes sociais que são usadas como meio interativo e de propagação de ideias.

Esta pesquisa analisará aspectos referentes à variação linguística e ao preconceito linguístico predominante no meio digital através de duas páginas de humor na internet, objetivando identificar o preconceito linguístico associado ao humor, analisando os comportamentos e manifestações do indivíduo nas páginas do Instagram e do Facebook “Português da depressão” frente aos fenômenos de variação.

Uma dessas ideias propagas em páginas de humor acerca de usos da língua, é, a nosso ver, o preconceito. Assim, analisaremos além das postagens feitas na página, a reação e os comentários de usuários diante dos posts, o que nos mostrará suas crenças e preconceitos diante desses fenômenos linguísticos.

Neste cenário, o instagram e o facebook destacam-se como ferramentas de alcance global, popular e acessível a todos os públicos. A criação de um perfil de instagram permite ao usuário manter-se conectado, permitindo engajamento na plataforma.

Dessa forma, o trabalho destaca o comportamento do público diante de posts de humor sobre usos da língua e o preconceito linguístico embutido nessa

interação entre usuários. A variação linguística é um fenômeno natural, inerente a toda e qualquer língua, assim, as atitudes preconceituosas diante de fenômenos variacionistas denotam desconhecimento por parte do falante.

O preconceito linguístico começa a partir do momento em que tomamos as variantes linguísticas de prestígio e as comparamos com as variantes estigmatizadas, situados no movimento que coloca o falar/escrever culto como superior aos falares/escritos populares. Tal julgamento surge quando esquecemos de considerar que a língua é reflexo do lugar social que os indivíduos ocupam, das oportunidades que tiveram, sendo impossível equiparar essas duas variantes.

Apesar de o preconceito linguístico estar presente em nossa sociedade, ele se torna ainda mais potente quando veiculado por meio das mídias digitais, endossando crenças equivocadas acerca da língua. Quando esse preconceito é associado ao humor, se torna um problema ainda maior porque coloca a questão no patamar do jocoso, da ridicularização, da depreciação do falante.

Segundo Bergson (1899), o humor apresenta as formas de riso presente no ser humano, questiona em suposições atos que foram engraçados, levando a risada os que presenciam cenas que provocam o riso. Em se tratando das páginas de rede social, a provocação do risível se dá por meio da exposição de erros ortográficos ou da fala de alguns sujeitos. E esse humor tem em sua base preconceitos linguísticos que são divulgados e naturalizados nesses meios.

Esses posicionamentos demonstram falta de conhecimento sobre o processo da língua, denota a ausência de conhecimento acerca do que a variação linguística aborda, salientando a quantidade de pessoas que sofrem discriminação pela fala e escrita. A importância de discussões como as que iremos apresentar nesse trabalho, se mostra sobretudo pela necessidade da existência de um debate acerca do preconceito linguístico, especialmente no ciberespaço.

A divulgação desse tipo de preconceito nas redes sociais, por exemplo, corrobora com a divulgação de preconceitos e de atitudes depreciativas com aqueles que falam/escrevem com variantes desprestigiadas. É preciso que se mostre que nossa fala varia, e que não há nenhum problema nisso.

O ambiente virtual ganha espaço constantemente no meio social, nele observamos a facilidade de criar perfis para interagir com os internautas, e buscar engajamento junto aos usuários.

Dentre os diversos assuntos explorados nessas páginas, é notável a criação de perfis que exploram o humor em seus conteúdos, assim, as páginas “Português da depressão” chamam a atenção por gerar humor ao utilizar frases, textos e vídeos de fala de pessoas, normalmente pobres e com pouca escolaridade. A esses posts somam-se os comentários dos usuários da página que externam em seus dizeres a forma que receberam a mensagem, normalmente ratificando o preconceito da postagem e, até mesmo, acrescentando outros.

Foi analisando esses aspectos que surgiu o interesse dessa investigação que aborda um tema relevante e atual. A partir dele, formulamos a seguinte questão de pesquisa: Qual a relação entre humor, mídia e preconceito linguístico? A partir dessa questão, iremos observar as páginas supracitadas a fim de coletarmos evidências que nos ajude a mostrar o preconceito linguístico associado ao humor nas redes sociais.

Este trabalho está organizado da seguinte forma: iniciamos com a seção “A sociolinguística e a sua importância para os estudos da linguagem”, onde faremos um breve apanhado sobre o surgimento dessa área na linguística mostrando como ela influenciou os estudos dessa ciência; Em seguida, trazemos a seção “Mídia e preconceito” para discutirmos sobre como as ferramentas midiáticas podem ser usadas para a disseminação do preconceito linguístico na sociedade. Depois trazemos a metodologia utilizada nesse trabalho, seguida da análise dos dados e das considerações finais.

## 2 A SOCIOLINGÜÍSTICA E SUA IMPORTÂNCIA PARA OS ESTUDOS DA LINGUAGEM

A sociolinguística é conceituada como o estudo da língua em uso por meio das comunidades de fala com a atenção voltada para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais. As línguas são um excelente meio de comunicação a ser empregado pelos seres humanos e são reflexo da cultura e a identidade de um povo.

Falar é como andar. Acontece naturalmente da mesma forma, mais ou menos na mesma faixa etária, em qualquer país do planeta, independentemente de raça, cultura, e gênero do falante. Basta que sejamos humanos (SCHERRE, 2008, p. 9).

A variação linguística configura-se com os aspectos linguísticos sociais que são geográficos/regional, histórico, social e/ ou situacional. A língua não está relacionada com “superioridade” ou “inferioridade”, assim, o falante pode variá-la na fala de acordo com os diferentes contextos de usos, com os ambientes em que está inserido.

Dentro das diversas formas de linguagem, observamos maneiras distintas na utilização e no modo como é aplicada pela sociedade em seus dialetos, assim, é impossível pensar que a língua é invariável, pois essas variações estão associadas com os grupos sociais que as utilizam. Em qualquer comunidade, é possível perceber a variedade da língua de uma região ou território do falante transmitido pela comunicação.

Sabe-se que a aprendizagem da língua pelo indivíduo se dar na infância, é ainda na infância que se aprende formas de se comunicar. Quando chega à escola, porém, ela aprende a refletir sobre o funcionamento dos usos da língua e aprende sobre suas variações. Porém, normalmente, o espaço escolar privilegia apenas a norma-padrão, deixando de lado a heterogeneidade linguística e o tratamento da variação.

Cecília e Matos (2006, p. 40) destacam que:

Quando se privilegia a gramática normativa, enfocando-a como uma obra acabada, a língua materna acaba se caracterizando como uma teoria fragmentada, repleta de regras e de exceções. Sob essa visão, o ensino fica voltado somente para a metalinguagem, com

definições, conceitos, categorizações e análises, quase sempre, descontextualizadas. É um ensino de reconhecimento de normas, classificações e estruturas que não propicia a reflexão nem garante o conhecimento e ampliação do horizonte discursivo dos alunos acerca das práticas de linguagem.

O modo como falamos e escrevemos, causa repercussão no meio em que vivemos; espera-se que pronunciemos as palavras adequadamente, que falemos com adequação gramatical para sermos bem-vistos. Há uma constante comparação e, normalmente, se superestima quem usa formas mais próximas da norma-padrão e se subestima, menospreza ou ridiculariza-se quem se distancia desse padrão.

Sobre essa questão, Scherre (2008, p. 64) esclarece o seguinte:

De forma geral, as pessoas crêem que uma língua estruturalmente mais certa do que a outra, e que há um dialeto mais certo do que o outro ou há uma variedade mais certa do que a outra, e poucos percebem que as formas consideradas certas e/ou de prestígio são as que pertencem à língua, aos dialetos ou as variedades das pessoas ou grupos que detêm o poder econômico e cultural.

Mais importante que o falar “certo”, é comunicar, fazer-se entender no processo comunicativo, adequar sua fala aos contextos de comunicação. Assim, toda fala que não apresenta problemas de compreensão ao interlocutor, é um instrumento de comunicação de qualidade e eficiente. Não existe forma melhor ou mais bonita para falar, o que há são adequações ou inadequações que dependerão dos diferentes ambientes e contextos sociais.

Silva e Sousa (2021, p.12) ressaltam que muitos dos preconceitos existentes acerca do uso da língua são provenientes das crenças difundidas sobretudo pela escola de que existe língua melhor e mais apropriada. A escola, que se encarrega de seguir a gramática normativa, realiza uma abordagem no ensino que desconsidera a variação linguística. O professor deve promover uma abordagem contextualizada através da exposição de textos buscando a compreensão do aluno a respeito da heterogeneidade da língua.

Travaglia (2009) identifica as dimensões de cada variação dialetal, como, dialeto territorial/geográfico ou regional que representa a variação que acontece entre pessoas de diferentes regiões em que se fala a mesma língua; dialeto social (representam variações que ocorrem de acordo com classe social a que pertencem

os usuários da língua), dialetos de idade (representam as variações decorrentes da diferença no modo de usar a língua de pessoas de diferentes idades, normalmente faixa etárias diversas: crianças, jovens, adultos e velhos ou outras que se julgue pertinente estabelecer de acordo com o objetivo de observação); dialetos na dimensão do sexo (representam as variações de acordo com o sexo de quem fala), dialetos de geração/ histórico (representam estágio do desenvolvimento da língua); dialeto de função (representam as variações na língua decorrentes da função que o falante desempenha).

Nesse contexto de variações linguísticas, considerando que o perfil do educando tem passado por constantes mudanças decorrentes dos aspectos temporal, cultural e tecnológico, o professor tem que se apresentar como sujeito incentivador da reflexão, da análise e da contextualização escolar, de modo a possibilitar que os alunos reconheçam todas as variações como válidas e que saibam o contexto adequado de uso de cada uma delas. (VASCONCELOS, 2022).

É necessário que saibamos que é próprio da língua variar e que existe diferença entre a língua coloquial, a que nós usamos para nos comunicar, sobretudo em situações informais de comunicação, e a gramática normativa, aquela contida nos livros e ensinada pela escola.

Ramos e Duarte abordam sobre a preocupação a respeito dos conteúdos escolares no ensino de variantes padrão, ressaltando sobre a pirâmide social pertencente ao grupo de alunos. Para eles, o professor deverá ter uma preocupação maior em relação aos conteúdos, pois é recomendado pelos PCNs que a abordagem dos conteúdos e atividades de língua portuguesa devem ser levadas no âmbito de cada escola, levando em conta o perfil dos alunos. Colocando em prática os questionamentos sobre o conteúdo que será ministrado.

Ao padronizar essa atitude, o professor orienta sobre a contribuição do ensino da sociolinguística aos alunos, informando a diferença da língua materna e a língua padrão. Considerando que, a língua tem uma única função, repassar o que será emitido pelo locutor, tendo em vista, a pronúncia da frase, e não traz nenhum malefício a quem foi enviado, e se houve entendimento da fala, não houve erro porque o interlocutor entendeu a mensagem.



A língua falada a que nos temos referido é o veículo linguístico de comunicação usado em situações naturais de interação social, do tipo de comunicação face a face” (TARALLO, 1986, p.19)

Essa é a comunicação válida em situações naturais como interação social de pessoas, não sendo necessária uma linguagem rebuscada, mas sim, de fácil compreensão, havendo socialização das pessoas em determinado ambiente.

Segundo Labov (2008, p. 140), a concepção da língua baseia-se em conjuntos estruturais presentes nas normas sociais. E para que se considerasse os aspectos sociais envolvidos nos usos linguísticos, precisou-se da realização de estudos no contexto social que identificasse os elementos responsáveis pela variação linguística como o tempo, a faixa etária, o sexo, classe social dos falantes, dentre outros aspectos.

É necessário que saibamos a respeito da língua, e que com o tempo ela desenvolve transformações, colocando em visibilidade as diferenças da língua coloquial com a gramática normativa. A forma de escrita e comunicação exposta pela mídia, através dela percebe-se o quanto o indivíduo é chacoteado por meio da sua escrita, tendo em vista uma escrita visivelmente errada por meio daqueles que utilizam a língua formal padrão, ao expor a postagem mesmo utilizando como via de humor, acaba constrangido quem fez o uso ao expor a sua maneira de falar, tendo em vista também os comentários que são bem maliciosos e desrespeitosos.

A língua portuguesa apresenta uma norma padrão, uma linguagem formal, sistematizada pela gramática, a fim de unificar a língua e instituir um modelo de língua entre seus falantes (NUNES; COSTA, 2017, p. 106). Para expressar-se e comunicar-se, o ser humano dispõe de uma série de recursos, como palavras, gestos, expressões fisionômicas, símbolos, sons etc. Esses recursos, quando organizados, constituem sistemas, que são as linguagens. Mas a linguagem não é apenas um meio de comunicação, de transmissão de informação ou um suporte do pensamento: a linguagem é também uma forma de interação entre indivíduos. (FARACO, 2010, p.12).

Dessa maneira, ao padronizar a língua, muitas pessoas acabam entendendo e agindo de forma preconceituosa ao presenciar momentos em que a escrita não esteja no nível do conhecimento daquele que possui uma linguagem culta. A língua tem uma única função, repassar o que será emitido pelo locutor, tendo em vista, que

ao ser pronunciado a frase e não trazer nenhum malefício a quem a reproduziu, e se houve entendimento na fala não ocorreu erro porque o interlocutor compreendeu a mensagem.

### 3 MÍDIA E PRECONCEITO LINGUÍSTICO

O preconceito linguístico é manifestado por meio da ridicularização da fala do indivíduo. Compreender a forma e o motivo da existência do preconceito linguístico é uma importante ferramenta para combatê-lo.

De acordo com Possenti (2011), a maioria absoluta dos brasileiros - talvez não só os brasileiros - alfabetizados ou letrados têm uma ideia completamente equivocada do que seja uma língua. Para eles, língua é a que a escola ensina, ou o que está nos manuais do tipo "não erre mais". O resto é erro. Todos consideram que as variantes são erros. Desse modo, esse equívoco é classificado de preconceito linguístico.

De acordo com Bagno, "o preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários." (BANGO, 2007, p.38).

Difícilmente existe o entendimento da população a respeito das regras gramaticais e as manifestações da língua, estando incluso fatores linguísticos, que influenciam a fala e escrita. Todo ser humano tende a desenvolver com facilidade a fala do seu ambiente de convívio. Dessa maneira, a maioria das pessoas que não teve acesso à educação escolar, tem dificuldade de adequar sua linguagem aos diferentes contextos comunicacionais, sobretudo os mais formais. Ao utilizar a variante não-padrão nesses ambientes, são rechaçados, julgados. Assim, o preconceito acontece e:

Como existem grupos sociais distintos, acaba acontecendo uma "guerra" da linguagem, pois cada grupo defende a sua maneira de falar como a mais correta ou a melhor e, de certa forma, arrumam motivos para tachar a maneira de falar do outro como inferior ou errada." (HECK, 2010, p. 6).

O indivíduo que utiliza, por exemplo, "gírias" não é bem-visto na sociedade, são consideradas como pessoas inferiores. Mal sabem que a gíria é considerada um fator linguístico. A postura de julgar a fala do outro está tão cristalizada entre nós, que esquecemos de refletir sobre a existência da diversidade da língua.

A partir desse estigma, nasce o preconceito linguístico, pois ele acaba por anular toda a bagagem que as pessoas carregam consigo e até mesmo provoca a inibição do sujeito ao falar em determinadas situações, por medo de não usar a língua padrão da maneira entendida como correta.” (NUNES; COSTA, 2017, p.109).

A imagem do falante também é analisada e julgada antes mesmo de expressar uma palavra, insinuando a inexistência de uma fala “correta”, fator que acontece também no mundo virtual, ambiente que tomaremos como análise nesse trabalho.

O preconceito linguístico no Brasil vem sendo, nas últimas duas décadas, apesar da busca de consolidação dos direitos e garantias de liberdade e dignidade humana, uma das poucas formas de manifestação discriminatória ainda acolhida e, mais grave, estimulada, sobretudo pelos segmentos sociais dominantes e pelos meios de comunicação. (OLIVEIRA, 2015, p. 85), assim é que a discriminação linguística vem ganhando grande terreno nos ambientes virtuais. Ele é reforçado até por pessoas que deveriam mostrar que as variedades linguísticas precisam ser respeitadas. Mesmo que saibamos que há alguns perfis empenhados em mostrar que a Língua Portuguesa vai muito além de gramática, sabemos que esse tipo de conteúdo não é muito procurado pela população em geral, exatamente por não reconhecerem a importância de debater sobre isso. Dessa forma, influencers e internautas sem nenhum respaldo científico vão fomentando a falsa ideia de que existe o “certo” e o “errado” na língua. E o pior, que o “errado” deve ser abominado com todas as forças. Essa prática é bem perceptível quando algum seguidor comenta uma postagem para apontar um desvio gramatical, ou para zombar do sotaque de outrem. (FERREIRA, 2021, p. 574).

Nas redes sociais compartilham as mesmas atitudes só que de uma forma mais desagradável, pois muitos usuários criam perfis para expor imagens de frases com dialetos utilizados pelo o usuário com o objetivo de se destacar pelo conteúdo da página, dando espaço para seus seguidores destilarem ódio e desinformação na postagem feita. Isso acontece naturalmente por ocasião de postagens acerca de algum deslize gramatical

No que concerne à mídia, ainda que esse meio adote formas linguísticas que visam a identificação do telespectador, com o emprego de registros informais e de diferentes variedades linguísticas, ela incorpora, de maneira dogmática e

contraditória, as crenças do discurso purista, defendendo a existência de uma língua portuguesa homogênea, invariável, baseada na normatividade. Desse modo, ela despreza as variedades desprestigiadas socialmente, demonstrando, em relação a elas, preconceito linguístico. (SANTOS, 2020, p. 52).

Às vezes uma pequena ausência de concordância é o ponto de partida para o internauta se exibir e mostrar que domina sobre o assunto, utilizando a correção e até mesmo palavras rebuscadas para provar que entende do assunto, realizando uma aula de português em cima dos comentários.

Scherre realizou uma pesquisa na qual afirma o seguinte sobre a concordância

O português brasileiro é uma língua natural como qualquer outra, que apresenta variação linguística inerente. E a concordância de número, quer verbal quer nominal, é uma das áreas mais férteis em termos de variação, embora muitas vezes estigmatizada, particularmente por, em parte, se afastar do padrão lusitano e por estar associada à fala das classes sociais menos prestigiadas, no que diz respeito às variantes sem prestígio, ou seja, “as faltas de concordância”, embora isto, seja apenas uma verdade quantitativa. (SCHERRE, 2008, p. 64).

É normal não utilizarmos a concordância entre as palavras de uma frase e, mesmo assim, sermos compreendidos. A gramática normativa expõe registros de tipos da concordância variável, ou seja, concordância que possui o segundo membro do par sem sofrer alterações incluindo o plural da palavra, tais como: Navios escolas, peixes- boi, queijos caseiro e entre outros.

Scherre (2008, p.68) aponta sobre a sociolinguística e expõe da seguinte maneira os resultados da língua falada: a utilização dos nomes compostos em artigos ou por meio do numeral sempre aparece acompanhados pelo plural. As dúvidas da maioria dos falantes são recorrentes em quando utilizar o plural nas palavras, e acabam pronunciando da forma que é mais agradável. Assim, em sentenças como “ovos vermelhos” em que a gramática normativa exige a colocação do plural nas duas palavras, muitos falantes pluralizam somente a palavra “ovos”, deixando o adjetivo “vermelho” no singular. Isso ocorre porque nos falares informais ou de pessoas com pouca escolarização, a marca de plural aparece apenas no artigo ou no substantivo, ela não é repetida em todas as palavras do enunciado porque a pluralidade fica subentendida para os demais elementos da frase.

Difícilmente o sujeito que não teve acesso à escola vai utilizar na sua fala ou escrita as normas presentes na gramática, e nem vai conseguir identificar em algumas palavras a utilização da concordância na sua pronúncia. Raramente um falante consegue se comunicar em seu cotidiano de acordo com a norma culta, pois o Português Brasileiro apresenta variedades condicionadas pelo papel social que o falante desempenha durante a interação, , que permite ao indivíduo alternar sua fala a partir do local em que esteja, das pessoas com quem interage e do papel social que desempenha em determinadas situações comunicativas. Esse tipo de variação é denominada variação estilística ou diafásica (COELHO et al., 2018).

De acordo com Santos (2020, p. 49) o preconceito linguístico:

Se funda em um discurso excessivamente conservador, purista, baseado na ideia de que apenas a norma linguística padrão é válida e correta como forma de expressão, rotulando as demais variedades como “incorretas” e “dialetos”. A variedade que mais se aproxima dessa norma é a culta, intimamente ligada a um alto grau de letramento/escolaridade, exclusividade ainda de uma pequena parcela da população brasileira, principalmente os grupos mais favorecidos economicamente.

O preconceito está ligado também à forma como o outro compara o jeito de fala da sua região com a outra, questionando e afirmando qual é a forma adequada e correta para se pronunciar, esquecendo-se que os espaços sofrem a variabilidade, situando e comparando certas variantes com a gramática normativa. Nesse momento surgem afirmações questionáveis como a de que “não sabemos falar” ou que “a língua portuguesa é difícil” , esses questionamentos estão ligados à ideia de que nossa fala tem que seguir as regras normativas da gramática.

Fargetti – Vaneti aponta o seguinte:

Falar a uma pessoa que sua maneira de falar está errada, ou que não é português, ou ainda que não sabe pensar, é tentar criar no interlocutor a ideia de que não possui a capacidade de se comunicar como ser humano, ou seja, é equipará-lo, no mínimo, a um animal que não seja de nossa espécie. Por isso, cremos injusto o descaso em que caem as discussões acerca da discriminação linguística. É um preconceito tão violento quanto os que atingem mulheres, obesos, portadores de necessidades especiais, homossexuais, etc. Mas como certas normas linguísticas, impostas de baixo para cima, barram a entrada ao círculo do poder, a mídia se cala, conivente, e

propaga o pensamento preconceituoso, legislando sobre a língua como se a língua fosse legível. (FARGETTI – VANETTI, 2016, p.16)

A mídia tem sido o principal meio de divulgação de preconceitos linguísticos e de ideias equivocadas sobre a língua. Muitas pessoas aproveitam dessa ferramenta para criticar usuários por sua forma de escrever ou falar, pela ausência de organização de ideias ou até mesmo algum uso equivocado da língua. Os comentários têm, muitas vezes, o claro intuito de humilhar, diminuir e ridicularizar a forma de falar/escrever desses usuários. Isso ocorre sobretudo em páginas cujo foco é fazer humor em torno dos usos da língua portuguesa, como é o caso da página “Português da Depressão”, que iremos investigar nesse trabalho.

Para ganhar destaque no ambiente virtual, o tema em forma de postagem é criado, proporcionando um conteúdo humorístico pelo “erro de português” cometido pelo sujeito e em cima disso, a postagem viraliza como conteúdo engraçado. Ao compreendermos o humor como uma esfera de atividade humana, defendemos que ele é dotado de um funcionamento e características particulares que o configuram enquanto tal, assim como as produções que dele partem. (SANTOS, 2020, p. 21).

O humor quando divulgado nas redes sociais é apreciado pela sociedade, provocando o interesse no internauta. A melhor forma de ganhar muitos likes e comentários é trazendo para essas páginas postagens de falas e escritas utilizadas no cotidiano, caracterizadas pelos erros ortográficos. Quanto mais distante esses textos postados estiverem dos usos preconizados pela gramática normativa, mais engraçado será o post, e mais engajamento ele vai ter.

Bergson ressalta sobre a comichão:

Toda sociedade pequena que se forma assim no seio da grande é levada, por um vago instinto, a inventar um modo de correção e de amaciamento para a rigidez dos hábitos adquiridos noutros lugares e que será preciso modificar. A sociedade propriamente dita procede exatamente do mesmo modo. Impõe-se que cada um de seus membros fique atento ao que o circunda, se modele pelos circunstâncias, e evite enfim se encerrar em seu caráter como numa torre de marfim. E por isso a sociedade faz pairar sobre cada um, quando não a ameaça de um castigo, pelo menos a perspectiva de uma humilhação que, por ser leve, nem por isso é menos temida. Tal deve ser a função do riso. O riso é verdadeiramente uma espécie de trote social, sempre um tanto humilhante para quem é objeto dele. (BERGSON, 1978, p. 65).

A ação intencional utilizada pela mídia, além de ser humilhante pode causar no indivíduo medo e insegurança ao falar, provocando por vezes bloqueio em um gesto tão natural para o indivíduo que é a comunicação. Se, por um lado, a mídia assume o compromisso de barrar e até denunciar vítimas de preconceito racial e sexual, por exemplo, por outro, é preconceituosa ao abordar fatos linguísticos, camufla e até incentiva o preconceito linguístico e dá a esse fato a denominação de “humor”. Isso evidencia uma clara tendenciosidade, enfaticamente sempre negada pelos meios de comunicação, que visam à imparcialidade. (FARGETTI ; VANETTI, 2016, p.16)

Ferreira (2021) aponta uma realidade importante, de que há uma necessidade ao domínio da norma culta, mas é indispensável que sejamos conscientes de que o cidadão com menos acesso à educação de qualidade terá dificuldades de compreender e utilizar processos linguísticos fora do seu cotidiano, específicos das situações mais formalizadas. .

As pessoas estão presas às normas gramaticais que esquecem que a norma não é a língua, que a norma é uma criação imperfeita, estabelecida com base em critérios nada científicos que privilegiou apenas os usos de uma pequena parcela da população brasileira: a dos mais abastados, de modo a favorecer interesses de apenas um estrato da sociedade, negligenciando e diminuindo todos os outros indivíduos que não fizessem parte desse “seleto” círculo social. (BAGNO, 2001)

Ferreira discute as atitudes da sociedade diante de certos fatos linguísticos:

Quando deixamos de refletir a respeito desses fatores, corremos o risco de enxergar a nossa fala e a dos outros como “boa” ou “ruim”, dependendo do acesso que esse falante teve, durante a sua vida, à gramática normativa. Além disso, limitamos a nossa imagem e a do outro somente a como está sendo dito algo, e não ao que está sendo dito e por que foi dito. Ao desconsiderar os fatores externos às normas gramaticais, muitas vezes temos uma visão limitante do discurso do outro, já que o que importa são apenas como soam as palavras, ou como estão sendo organizadas, e não o que elas representam sobre o nosso interlocutor. (FERREIRA, 2021, p.572)

Esses julgamentos diante da fala de outros indivíduos são, quase sempre, construídos a partir de mitos e noções equivocadas sobre a língua. Nesse contexto, os meios midiáticos dificilmente são utilizados para promover a desconstrução



desses mitos, para divulgar informações necessárias sobre a língua com a finalidade de combater esses equívocos e a propagação do ódio e do preconceito linguístico.

Muitos temas são debatidos em páginas de redes sociais, esses debates, às vezes, são bem elaborados e fundamentados, mas, na maioria das vezes, são cheios de desconhecimento, imbuídos de preconceito e oportunismo. (FERREIRA, 2021, p. 573).

Apesar de haver perfis que divulgam a variação linguística, há pessoas interessadas em gerar engajamento tentando solidificar a língua, discriminando a escrita e fala do próximo.

## 4 METODOLOGIA

### 4.1 Tipo de Estudo

Este é um trabalho de cunho bibliográfico, cujo corpus será colhido na página do instagram e facebook “Português da depressão”. A pesquisa tem finalidade de explorar problemas na sociedade, relacionado ao preconceito linguístico, associado ao humor vinculado numa página do instagram. Dessa forma, é analisado as postagens e os comentários realizados no perfil pelos usuários. Com isso, a coleta desse material será feita por meio de prints para que as análises sejam efetuadas com sucesso, indicando o resultado esperado a ser atingido.

De acordo com Cristóvão da Cruz (2023), a pesquisa bibliográfica é baseada em materiais concretos, como livros, artigos científicos, revistas e outros materiais publicados para auxiliar na pesquisa. Desse modo, é importante a busca das metodologias investigativas em fontes bibliográficas para permitir a identificação de informações a respeito da problemática ao contribuir na exploração dos materiais de referência, permitindo a conclusão da pesquisa.

Para melhor desenvolvimento do estudo, nos embasamos teoricamente em autores que abordam a questão da sociolinguística variacionista, como Bagno (2001), Bortoni (2006), Coelho (2018), dentre outros e em autores que tratam a questão do preconceito linguístico na mídia e do humor, como Scherre (2008), Santos (2020), Possenti (2011), dentre outros autores em que foi possível adquirir informações em ampliar e organizar o conhecimento para obter o resultado de pesquisa.

A escolha por esse tema se deu por se tratar de uma questão pertinente e atual, de um lado, temos a questão do preconceito linguístico, e, de outro, temos o uso de redes sociais para a disseminação desses preconceitos. Com a popularização das redes sociais, observamos que os atos preconceituosos deixaram de ser praticados pessoalmente e passaram a ocorrer de maneira on-line, o que em nada diminui a gravidade e os efeitos nefastos dessa atitude na vida dos indivíduos. Também com as redes sociais tivemos um aumento dos atos preconceituosos uma vez que a tela dá ao usuário a sensação de anonimato, de estar protegido de sofrer as sanções previstas em lei.

A escolha das páginas do Instagram e Facebook “Português da Depressão” ocorreu por se tratar de uma ferramenta utilizada exclusivamente para mostrar os

erros ortográficos do uso cotidiano de falantes do país inteiro, sendo uma página bastante popular e com muitos seguidores.

Para análise de dados serão utilizados prints e comentários referentes a cada publicação feita. Utilizaremos em torno de seis postagens escolhidas de acordo com o teor do conteúdo e dos comentários e sátiras feitas pela página e pelos usuários em seus comentários.

## 5 RESULTADOS E DISCUSSÕES DE DADOS

Os dados obtidos para a análise foram coletados de dois perfis no Instagram e no Facebook chamado “Português da Depressão”. Nesta página, analisamos os tipos de postagens realizadas pelo usuário, para isto, foi efetuado a captura de imagens, a fim de, realizar uma abordagem no trabalho com os resultados alcançados.



Figura 01 – Página “Português da Depressão” - Instagram

Na figura 1 temos a primeira imagem. Nela encontramos a frase: “Já falei que te amo hogê”. Conforme ressaltamos, nessas páginas, o humor é sempre instaurado a partir do erro, assim, podemos dizer que a imagem acima só apareceu na página por conta da escrita da palavra “hogê”. Esse é um tipo de variação fonológica muito comum na escrita, sobretudo de quem não completou o ciclo dos estudos. Tem-se aí a confusão diante de um único fonema que é representado por duas letras (‘g’ e ‘j’), ambas usadas para representar o som [3].



Nos comentários, os usuários aproveitaram a postagem para comentar e ridicularizar o post. Um deles comenta: “um amor desse nem morto, heim”. Em todos os comentários é perceptível a preocupação do usuário de se colocar como alguém que jamais cometeria tal erro, como alguém superior que sabe que a escrita está errada e que precisa se manifestar, ainda que com emojis de carinhas sorrindo, colocando-se na posição de quem, por saber mais, pode julgar e ridicularizar a fala/escrita do outro.

Diante disso, é importante esclarecer algumas questões acerca da noção de erro para a sociolinguística. Conforme já explicitado, todos nós, falantes do português, dominamos nossa língua materna muito bem e é um equívoco afirmar que ‘não sabemos português’. Ainda na infância, a criança aprende a falar e se comunicar em sua língua materna e, com o passar dos anos, ela vai aprimorando essa habilidade de modo que, quando chega na escola, ela já se comunica muito bem. No entanto, as dificuldades começam a surgir quando, em seu processo de alfabetização, ela precisa escrever. A partir do momento em que o aluno começa a conviver com a modalidade escrita, ele começa a perceber a grande diferença entre a língua que ele fala e a que ele escreve. E é papel da escola levá-lo a refletir sobre a língua que usa.

Como sabemos, a fala é espontânea, reflexo da identidade, da cultura e do meio social em que o indivíduo habita. Assim, a sociolinguística não enxerga erro na fala de um falante nativo de português. O que normalmente se classifica como erro,

a sociolinguística toma “apenas como diferenças entre maneiras possíveis e competitivas de se falar” (BORTONI, 2006, p. 273). Porém, sabemos que, diferente da fala, a escrita não permite variações, ela é uma convenção socialmente dada e, normalmente, admite apenas uma única forma de grafar cada palavra. A escrita é normatizada, fixada, tem estatuto canônico na sociedade. Assim, a escola, como espaço que visa preparar o indivíduo para a vida adulta e para atuar em sociedade, no mundo do trabalho, não pode se furtar de ensinar ao aluno essa convenção, sob a pena de excluí-lo da dinâmica social. De acordo com Bortoni (2006):

Um professor não pode ignorar uma palavra com erro ortográfico. Não se preocupará, porém, em fazer constantes intervenções na língua oral de seu aluno porque sabe que ali ele dispõe de flexibilidade para ajustar seus recursos linguísticos à situação de fala. Um professor poderá aceitar de seu aluno tanto “eu encontrei ele no jardim”, quanto “eu o encontrei no jardim”, dependendo do contexto em que o enunciado apareça. Mas não poderá jamais aceitar que o aluno escreva: “eu encontrei” (BORTONI, 2006, p. 274).

Voltando à análise da página “Português da Depressão”, ao criticarmos a postura dos usuários de ridicularizar a escrita contida nos posts, não estamos defendendo que as pessoas devem escrever como quiserem, ou que a grafia de “hogê” não está errada. Obviamente que é um erro escrever “hogê”, porém, o grande problema dessas páginas é que o intuito delas não é comentar construtivamente em cima desses erros, dando explicações plausíveis e científicas para os fenômenos de escrita, explicando a variável correta. O intuito delas é humilhar, ridicularizar quem escreve dessa forma. Equiparar a escrita de todos os indivíduos como se todos tivessem tido as mesmas oportunidades e o mesmo grau de escolaridade. Esquecem de considerar o sujeito que está por trás daquela escrita: um sujeito que estudou muito pouco, que talvez teve que trabalhar cedo para sustentar a família, que não teve acesso a bens culturais.



Figuras 02 e 03: Página “Português da Depressão” – Facebook.

O segundo print a ser analisado versa sobre a postagem de uma usuária que para dizer que estava apaixonada, escreve um pequeno texto declarando-se ao seu amado. No texto, a usuária escreve frases como “Eu mim sinto tão bem alceu lado”, “carda vez”, “Obrigada senhor pô tudo que está à acontecendo”, dentre outras. Como já enfatizamos, esse texto só apareceu na página por conta de seus erros ortográficos, assim, todo o foco recai sobre eles. Como resposta à postagem, os seguidores da página marcam amigos e escrevem frases contendo erros ortográficos propositais, como forma não só de ridicularizar a postagem apresentada, como também de criar uma ideia de distanciamento com o sujeito que escreve errado, de demonstrar que é conhecedor da língua e que jamais cometeria tais erros.

Ainda nos comentários, os usuários da página destacam palavras como “xanche”, “felis”, “te amor”, “felisidades”, ridicularizando esses erros de escrita e os sujeitos que os cometem. Conforme ressaltamos anteriormente, o erro ortográfico no uso de letras que são representadas por um mesmo som é muito comum em nossa língua, sobretudo para quem tem pouca escolaridade. Assim, a escrita da palavra “chance” com “x”, “feliz” com “s”, “te amo” com “r” no final e “felicidades” com “s”, é bem comum na escrita infantil, fase em que a criança precisa aperfeiçoar sua

alfabetização por meio de habilidades fônicas, gráficas e morfológicas. É somente com treino, leitura e avanço nos estudos que essas capacidades vão se aperfeiçoamento, porém, diante de palavras que desconhecemos ou pouco usuais, pode ocorrer dúvidas com relação à sua ortografia, afinal, a escrita é uma convenção. Assim, esse mesmo falante que comenta o post e que certamente sabe que “xance” é com <ch>, poderia perfeitamente ficar em dúvida entre as letras <x> e <ch> diante de uma palavra pouco usual como “esdrúxulo”, por exemplo. Porém, isso não é considerado, tampouco mencionado.

Em todo esse processo, a página, representada por seus administradores, se cala, joga o post e deixa que os comentários preconceituosos se multipliquem. Não há um interesse em formar ou informar. De acordo com Luchesi “o estigma ainda recai pesadamente sobre as variantes mais características da norma popular, fortalecendo-se a cada dia – inclusive com a força dos meios de comunicação de massa” (LUCHESE, 2002, p. 88).

De acordo com (COELHO et al., 2015, p. 16), “as diferentes formas que empregamos ao falar e ao escrever dizem, de certo modo, quem somos: dão pistas do quanto estamos inseridos na cultura letrada dominante de nossa sociedade”, em momento algum páginas como “Português da Depressão” promovem esse tipo de reflexão ou mesmo usa dos seus posts para promover uma educação linguística, de modo a usar dos erros ortográficos para tratar questões da língua. Isso não ocorre porque esse não é o objetivo da página, seu único foco é gerar humor a partir de erros, sem considerar o que está por trás desses erros.

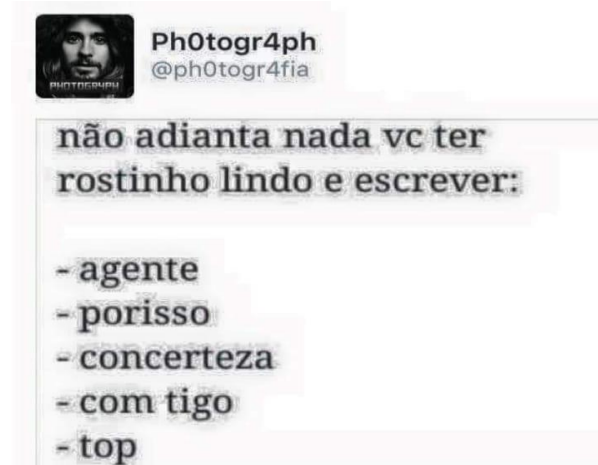
Tentar menosprezar alguém pela sua oralidade e escrita, é mostrar o desconhecimento dos fatores linguísticos e extralinguísticos que sustentam esses fenômenos, além de, obviamente, demonstrar preconceito e até mesmo intolerância para com o próximo.



A seguir, temos outro post a ser analisado:



Figura 04 – Página “Português da Depressão” - Instagram



Nessa publicação, a página compara beleza com escrita. Esta junção entre erros ortográficos e descrição sarcástica compõe o post perfeito para que os seguidores, por meio de seus comentários, critiquem e ridicularizem aqueles que escrevem dessa maneira. Erros como os descritos: “agente”, “porisso”, “concerteza”, “com tigo” e “top”, surgem exatamente da falsa ideia de que a escrita é uma representação fiel da fala. A fala é uma habilidade que a criança aprende antes mesmo de ir à escola. Ao iniciar seu processo de alfabetização, a criança já se comunica oralmente com desenvoltura, assim, é comum que a oralidade seja o padrão que ela utilize quando começa a escrever. Aos poucos, o aprendiz descobre que a escrita é dividida em classes (conectivos, artigos, nomes) e que essas são

escritas separadas. Porém, é somente com o tempo que ele vai aprendendo todas as regras dessa separação: quais palavras são conectivos, quais são determinantes; o que fica junto e o que fica separado na escrita.

No post acima, o usuário traz alguns erros bastante comuns de pessoas com pouca escolaridade, que não ultrapassaram essa fase de aprendizagem de convenção escrita. Apesar de errar a escrita por não separar, por exemplo, preposição de nome (como em ‘concerteza’ e ‘porisso’), o falante já tem consciência de que há essa regra de separação na escrita de certas palavras e expressões da língua, tanto que escreve “com tigo” separado, achando que o “com” funciona nessa palavra como uma preposição. Nesse caso, o falante, numa tentativa de acertar, faz uma hipótese errada, num fenômeno que a sociolinguística chama de hipercorreção.

Em grande parte dos casos de falantes que apresentam uma escrita problemática como as que o “Português da Depressão” traz, temos o baixo nível socioeconômico como condicionador externo desses usos. Assim, muito mais do que um problema linguístico, essas questões advêm de problemas sociais, que abarcam a baixa escolaridade. Além disso, é importante ressaltar que o ambiente virtual já é comumente visto pelos usuários como lugar informal de uso da linguagem, tanto que é muito comum o uso de abreviações, emojis, o famoso internetês. Para além do internetês, o próprio ambiente virtual favorece a escrita de palavras na linguagem não-padrão, numa associação muito próxima dos eventos de fala. De acordo com Cavalcante e Catanduba:

Quando se escreve nas redes sociais há um misto de fala e de escrita, ou seja, escreve-se representando uma possível fala, que é na maioria das vezes coloquial, este caso não configura o uso do internetês, mas sim, o uso da língua numa variante não padrão (CAVALCANTE; CATANDUBA, 2014, p. 06).

Assim, na imagem acima mostrada, há uma série de palavras erradas e que é de uso comum na escrita de pessoas com baixa escolaridade e, às vezes, de baixo nível socioeconômico. Essas palavras são agrupadas no post apenas para dizer que não adianta ser bonito se o indivíduo escreve dessa maneira. Ou seja, a pessoa pode ter beleza, pode ser alguém legal, gentil, mas se ela escreve errado, tudo isso fica invalidado. Mais uma vez, o escrever errado é colocado como um defeito

gravíssimo, e pior, como culpa do sujeito. Como se alguém escrevesse errado por quer.

Como as redes sociais também é um ambiente em que se conhece pessoas novas, lugar em que muitos iniciam relacionamentos, em muitos posts da página analisada há essa associação entre a escrita e as qualidades de uma pessoa. Isso é reforçado pelo post a seguir:

Escrevendo assim também não há relacionamento que resista. 🤔



Figuras 05 e 06 – Página “Português da Depressão” - Instagram

No post, um usuário da rede social escreve o que deve haver num relacionamento para ele seja duradouro, para que dê certo. A imagem é colocada sob a legenda “Escrevendo assim também não há relacionamento que resista”. Percebemos em várias postagens do “Português da Depressão” essa relação em que se coloca a escrita de uma pessoa como requisito para que alguém a veja como um bom candidato para um relacionamento. Essa associação entre a escrita ou o uso de determinadas formas linguísticas, e qualidades que são intrínsecas do

sujeito, é outro aspecto do preconceito linguístico. De acordo com Scherre (2005, p. 43).

Escola e a sociedade – da qual a escola é reflexo ativo – fazem associações perversas, sem respaldo lingüístico estrutural, entre domínio de determinadas formas linguísticas e beleza ou feiúra; entre domínio de determinadas formas linguísticas e elegância ou deselegância; entre domínio de determinadas formas linguísticas e competência e incompetência; entre domínio de determinadas formas linguísticas e inteligência ou burrice [...]

O ensino da norma-padrão praticado pela escola, além de desconsiderar a língua real, em uso na sociedade, também favorece a intolerância com as variações e com as pessoas que escrevem errado. Essa intolerância ganha mais espaço e legitimidade nos meios de comunicação e nas redes sociais, que têm se transformado em espaço de julgamentos, de disseminação de um humor ácido que tem como único propósito humilhar o indivíduo e sua situação 'inferior'.

Ao trazer o post descrito acima para a página com a legenda: “Escrevendo assim também não há relacionamento que resista”, a página volta a associar a beleza, o sucesso e o insucesso de um relacionamento à escrita de alguém. Novamente, a culpa pelo erro é única e exclusivamente do sujeito.

Postagens assim reforçam no imaginário social a ideia de que a língua é uma arma de dominação, de opressão. Há uma elite cultural e linguística que domina os meios de comunicação de massa e que se impõe a todos, subjugando e discriminando quem não participa dessa elite. E isso está tão entranhado no imaginário social, que, por não perceberem essa dominação, as pessoas a reproduzem, a disseminam, mesmo elas não participando dessa elite e sendo também vítimas desse sistema.

Analisando especificamente a escrita do post, temos o seguinte texto: “Em um relacionamento tem q a ver cegurança, para gerar confiança e se naum rola issas coisas naum tm quimik onde naum tem quimik naunk existira o amor onde naum existe amor naum a relacionamento nem um que resista! Pensa nisso e reflita cm krinho”.

É importante ressaltar que nele, além de erros ortográficos, há também o uso do internetês, assim, muita coisa considerada como erro no post, é na verdade

especificidades dessa escrita do meio virtual, como o uso das expressões “quimik”, “cm”, “krinho”. Sabemos que o internetês não sofre a mesma condenação que os erros ortográficos. Eles são, na maioria das vezes, aceitos e legitimados pelos usuários dessas páginas, afinal, ele é um modo de escrita mais rápido, instantâneo, perfeito para o perfil de comunicação que ocorre nas redes sociais.

Apesar disso, a página critica também o internetês contido na postagem do usuário. Ou seja, quando eu, falante que “sei o português”, uso o internetês no meu cotidiano, está tudo bem, estou apenas adequando minha linguagem para esse meio digital. Mas quando o outro, aquele que comete erros ortográficos usa o internetês, isso já é associado a ignorância, incapacidade intelectual. Com isso, fica claro que esse tipo de preconceito disseminado nessas páginas de humor é seletivo. Despreza-se não diretamente a forma ortográfica empregada pelo falante, mas sua situação social, seu baixo nível socioeconômico e intelectual.

Conforme nos assevera Scherre (2005, p. 43):

Em nome da *boa língua* pratica-se a injustiça social, muitas vezes humilhando o ser humano por meio da não-aceitação de um de seus bens culturais mais divinos: o domínio inconsciente e pleno de um sistema de comunicação próprio da comunidade ao seu redor.

Temos nesse caso o preconceito linguístico em sua forma mais real e cruel. O foco dessa atitude é julgar, humilhar, mesmo aqueles usuários que fazem usos das mesmas expressões que eu, enquanto falante, também faço. Embutido nesse preconceito, também está a imagem negativa que muitos brasileiros têm de si mesmo e da língua falada por aqui.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, abordamos a questão do preconceito linguístico propagado na mídia por meio de duas redes sociais, o “Instagram” e o Facebook”. Através da análise do *corpus* e das fontes bibliográficas, conseguimos identificar as múltiplas formas de propagação e legitimação do preconceito linguístico em páginas de humor acerca dos usos da língua. Com isso, demonstramos, conforme nosso objetivo geral, que o humor praticado por páginas como “Português da Depressão” está diretamente associado ao preconceito e à intolerância linguística. Ele é fruto de uma sociedade que é ensinada ainda na escola a associar erro ortográfico a defeito pessoal, a incompetência.

Assim, para essas páginas, só é língua aquilo que obedece à norma-padrão, e só é bom sujeito aquele que obedece a essa norma em sua escrita e sua fala. Em toda essa conjuntura, a mídia se coloca como propagadora e legitimadora dessas ideias, ao tomar como foco o humor ácido, a crítica desvinculada de reflexão. Seu importante espaço de divulgação não é usado para a disseminação de informações, ou para a explicitação dos fatores linguísticos, educacionais, políticos e sociais que estão por trás dos erros ortográficos.

Sob esse viés, mídias como as redes sociais, sobretudo em páginas como a que analisamos, ao defenderem que são pró-língua, que promovem o conhecimento, veiculam, na verdade, o preconceito e a intolerância, contribuindo ainda mais para que os erros sejam usados meramente para humilhar alguém, subjugar, jamais para ensinar, para promover reflexões sobre os usos linguísticos.

Assim, perfis que deveriam ser úteis para a conscientização das pessoas acerca da língua e seus usos, são usados para disseminar preconceitos, constranger o falante, aumentando ainda mais os abismos que temos.

Assim, é importante inserir novas metodologias na sala de aula, e incluir a mídia nas aulas de variação linguística e preconceito linguístico, com o objetivo de demonstrar as diferentes faces desse preconceito, evidenciando os modos de combatê-lo por meio da informação e da reflexão linguística.



## REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico**. 15. Ed. São Paulo: Loyola, 1999.

BAIÃO, José Geraldo Pereira. **Língua, Mídia e Ensino: Bobagens Que Circulam Por Aí**, 2015. Disponível: [2005\\_baiao\\_jose\\_lingua\\_midia\\_ensino\\_atual\\_fev2014\\_230419\\_102921.pdf](https://doi.org/10.230419.102921.pdf). Acesso em: 11 de novembro de 2023

BERGSON, Henri. **O Riso, ensaio sobre a significação do cômico**. 2.ed, Rio de Janeiro: Zahar editores, 1983.

CAMILO, Thais Milena; MENDES, Sandra Mara da Silva Marques. **VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA E ENSINO: A ADEQUAÇÃO DOS REGISTROS FORMAIS E INFORMAIS NAS PRÁTICAS SOCIAIS DE LINGUAGEM**. Orientadora: Sandra Mara da Silva Marques. 17. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Estadual do Centro Oeste–UNICENTRO, 2023.

CRISTOVAO DA CRUZ, Walter (2023). GESTÃO DE PESSOAS: UM ESTUDO ACERCA DO RECRUTAMENTO E SELEÇÃO DE PESSOAL. **Revista OWL (OWL Journal) - REVISTA INTERDISCIPLINAR DE ENSINO E EDUCAÇÃO**, 1(1), 14–29. Disponível em: <https://doi.org/10.5281/zenodo.7866065> Acesso em: 08 de novembro 2023

CAVALCANTI, Marineuma de Oliveira Costa; CATANDUBA, Edilma de Lucena. **Língua e preconceito: quando o jeito de escrever nas redes sociais discrimina**. Disponível em: <http://www.gelne.com.br/arquivos/anais/gelne-2014/anexos/998.pdf> Acesso em: 08 de novembro de 2023.

CECÍLIO, Sandra Regina; MATOS, Cleusa Maria de. Revisitando o livro didático: a variação lingüística e o ensino de língua. **Revista Entretextos**, Londrina, n. 6, p. 39-43, jan/dez. 2006.

FARGETTI, Cristina Martins; VANETI, Lincon Luiz. Políticas Linguísticas e a Mídia. **Revista Letras Raras**, São Paulo, vol. 5, ano 5, Nº 3, 1- 17, 2016.

FERREIRA, Mônica Guedes. ANÁLISE DE UM POST SOBRE PRECONCEITO LINGÜÍSTICO NA PÁGINA DO INSTAGRAM “QUEBRANDO O TABU”. **Revista Philologos**, 2021.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

Gorski, Edair Maria; Coelho, Izete Lehmkuhi. **Sociolinguística e ensino: contribuições para a formação do professor de língua**. Florianópolis, 2006.

HECK, Diana Milena. **Sociedade, mídia e o preconceito linguístico**. 2010. Disponível: [https://www.academia.edu/5565663/Sociedade\\_m%C3%ADdia\\_e\\_o\\_preconceito\\_lingu%C3%ADstico](https://www.academia.edu/5565663/Sociedade_m%C3%ADdia_e_o_preconceito_lingu%C3%ADstico) Acesso em: 11 de novembro de 2023.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno; Maria Marta Pereira Scherre; Carolina Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LUCHESI, Dante. Norma linguística e realidade social. In: BAGNO, Marcos (org.). **Linguística da norma**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

VASCONCELOS, Joelson Menezes de. A variação linguística no contexto escolar. **Revista Educação Pública**, Rio de Janeiro, vol. 22, nº 21, 7 de junho de 2022.



NARO, Anthony Julius. Variação e funcionalidade. **Rev. Est. Ling**, Belo Horizonte, vol.7, n.2, p.109-120, 1998.

NÚCLEO DE PESQUISA EM TEXTO, GÊNERO E DISCURSO. Variação e mudança (Sírio Possenti) **Revista. Cataphora** - Teresina – Piauí. Acesso disponível em: [http://www.cataphora.com.br/2010/03/variacao-e-mudanca-sirio-possenti\\_8437.html](http://www.cataphora.com.br/2010/03/variacao-e-mudanca-sirio-possenti_8437.html)

NUNES, Cristiane de Melo; COSTA, Ana Cecilia da. A VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA NA MÍDIA DIGITAL: UMA ANÁLISE DO JORNAL FOLHA DE S.PAULO. **Revista Leopoldianum**, v.43. n.121, 2017

OLIVEIRA, Alexsandro Matias de. **Identidade linguística x acomodação: a Influência sobre os influenciadores digitais**. Orientadora: Juliene Lopes Ribeiro Pedrosa. 2021. 37 f. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Federal da Paraíba, Bayeux, 2021.

OLIVEIRA, Tiago Batalha de. PRECONCEITO LINGÜÍSTICO E HUMOR EM PÁGINAS DO FACEBOOK. **Revista EDUC**-Faculdade de Duque de Caxias, Vol.2-Nº2 , 2015.

SANTOS, Larissa Buenos dos. **HUMOR E PRECONCEITO LINGÜÍSTICO EM NÃO SEJA BURRO!: uma análise dialógica do discurso**. Orientadora: Marina Célia Mendonça. 2020 . 194 f. Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2020.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Doa-se Lindos Filhotes de Poodle: Variação Lingüística, Mídia e Preconceito**. 2 ed. São Paulo: Parábola Editorial. 2008

SILVA, Tarcilane Fernandes da; SOUSA, Maria das Dores Ózorio de. **O tratamento da variação linguística em sala de aula: reflexões críticas sobre a prática docente**. 2021

TARALLO, Fernando. REFLEXÃO SOBRE O CONCEITO DE MUDANÇA LINGÜÍSTICA. **Organon**, Porto Alegre, v. 5, n. 18, 2013.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática**. 14 Ed. São Paulo: Cortez. 2016